

explicar, pelo menos em boa parte, o seu extremismo. Como se não houvesse entre nós abastadíssimos esquerdistas. De um dos rapazes chega-se a dizer ser filho de “uma reles funcionária da Receita Federal, bem reles mesmo” (entre aspas no texto da reportagem, não sei por quê).

É o caso de se perguntar: “E onde fica a liberdade de expressão?”. Esta naturalmente é exclusividade daqueles que, quando se manifestam, não visam a qualquer tipo de autopromoção, que exigem dos *media* “reserva de mercado”, que só pensam nos prazeres do corpo e ignoram o amor ao próximo. Por isso, enquanto se nega o direito de expressão a quatro jovens insatisfeitos com certo tipo de mentalidade dominante em amplos segmentos da nossa combalida sociedade, levanta-se um clamor em prol da liberdade de expressão de um grupo de rock que reivindica o direito dos jovens ao uso de drogas, isto é, à franquia de se autodestruírem, corpo e alma.

Isso não significa minha adesão aos pontos de vista expressos pelos quatro jovens em seu jornalzinho, mesmo porque não tive acesso a ele, suspensa que foi sua circulação, e sim um protesto contra a violência de que foram vítimas nas dependências da PUC, exatamente em nome da liberdade de expressão. Idéias combatem-se com idéias. É o que me parece.

[Carta aos leitores]
(17/12/97)

*

Frei Leonardo Boff

No domingo, 10 do corrente mês, o suplemento *Idéias/Ensaios* desse jornal publicou, págs. 4-5, esclarecedor artigo do conhecido líder político Frei Leonardo Boff. Esclarecedor porque, sem blocos nem torneios, vai direto ao assunto e põe a nu as suas posições meramente seculares. Marta e não Maria.

Logo de início, Frei Leonardo foi taxativo: “É verdadeira a constatação de que os setores progressistas das Igrejas especialmente ligadas à teologia da libertação ajudaram na vitória de *Lula* para chegar ao segundo turno das eleições. É bom que assim seja”. Vê-se, pois, quanta razão assistia ao candidato Leonel Brizola, outro defensor dos oprimidos, quando protestava contra o apoio faccioso que a Igreja Progressista Brasileira estava dando ao seu principal concorrente, o petista Luís Inácio *Lula* da Silva.

Acompanhando ainda a clara lição progressista do frade franciscano, fica-se sabendo que a essencial diferença entre a resposta tradicional das classes dirigentes ao processo histórico da libertação dos oprimidos e a destes mesmos está no seguinte: *antes*, o pobre era *objeto* da solicitude das classes conser-

vadoras, mas *agora* é ele próprio *sujeito* dessa libertação. A primeira posição é *paternalista* (Getúlio, pai dos pobres...) e *assistencialista*; a segunda, o bom do frade não o diz abertamente, mas cremos poder chamá-la *revolucionária* (“Aqui o pobre é visto como aquele que tem poder”). Todavia há-se de perguntar: “Como se chegou a tão marcante viragem?”. Ainda nesse ponto, o límpido articulista vem em nosso auxílio: “Ora, os cristãos das comunidades de base e das pastorais sociais *aprenderam* (o grifo é meu) a rejeitar a primeira opção e a construir a segunda”. Vê-se, portanto, que não se tratou de um processo orgânico de causas estruturais, que tivessem levado os oprimidos a tomarem consciência, *por si mesmos*, de que chegara a hora e a vez de alcançarem o poder. Para isso foi necessário que a Igreja Progressista organizasse e multiplicasse comunidades eclesiais de base, recrutasse alunos e mestres e transmitisse aos primeiros a ideologia própria de uma certa ala de intelectuais, patrícios e não patrícios. Por conseguinte, não houve nenhuma modificação essencial: o pobre continuou *objeto* de um processo que se realizou de cima para baixo; do detentor da verdade para o seu disponível receptáculo. Em vez de *assistencialismo caritativo*, o *assistencialismo ideológico*.

Saliente-se ainda a insistência de Frei Leonardo na palavra “oprimido”, que está inclusive no título do artigo. Na verdade, o termo cristão autêntico não é *oprimido* e sim *injustiçado*. Porque não são apenas os economicamente oprimidos que têm “fome e sede de justiça”. A redução do injustiçado à categoria de oprimido é um ranço da ideologia marxista, que interpreta a História como um processo dialético de luta de classes (não sabemos se *ad infinitum*; Marx não esclarece o ponto), onde sempre há, numa ótica materialista, opressores e oprimidos. Teria chegado agora a vez de ser o operariado a classe dominante, não por motivos de justiça social, expressão incômoda no ninho marxista, mas em virtude de um mecanismo histórico irreversível, a que os homens, peças mais ou menos ilustres da engrenagem, haverão fatalmente de curvar-se. Nesse mundo novo, criado pelo autodinamismo do fator econômico, brotarão “comida, saúde, moradia, salário decente, educação e liberdade”, promete Frei Leonardo Boff. Note-se como a liberdade vem no finzinho, pois já agora o movimento irreprimível do Leste Europeu demonstrou, mais uma vez, que liberdade não é o engodo com que as democracias tentam embair “o néscio povo”, como queria Lenine; nem é a Religião o ópio desse mesmo povo, como queria Marx.

Na parte final, faz Frei Leonardo Boff um paralelo entre as candidaturas Collor e Lula. Sem dúvida, a sua opção é por Lula. *Opção*, disse, e logo me corrijo, pois, nas palavras do inflamado articulista: “Não se trata de optar pelo PT. É muito mais. É uma opção ético-política, inspirada nas convicções cristãs vividas no campo político”, etc.

Vê-se, com apreensão, a gravidade de tal atitude. Não há opção, votar em Lula é imperativo de ordem moral e até religiosa (“convicções cristãs”), não fazê-lo talvez seja trair a Cristo e à Pátria. Há mesmo uma *co-naturalidade* entre a *proposta de Lula* e a *proposta ético-política das comunidades cristãs*.

Ora, como todo o mundo não deve ignorar, a democracia é opção, é liberdade de escolha, é espaço de opinião emancipada, é respeito à vontade política das minorias. O contrário disso chama-se intolerância, opressão, totalitarismo. Quem não vê nessa fremente empolgação um fanatismo potencial, senão mesmo já real?

Ainda haveria muita coisa que comentar no precioso artigo de Frei Leonardo Boff. Como, p. ex., a sua interpretação de que a Bíblia é “depositária da Palavra histórica de Deus”. Se, com isso, se quer dizer que a Bíblia contém a palavra de Deus feito Homem em determinado momento da História, está-se a desfraldar um truísmo. Mas, se a intenção for a de que os ensinamentos de Cristo se esgotam na História, vista provavelmente numa perspectiva marxista, sem nenhum conteúdo transcendente, o qual é da sua própria essência, então se desvirtua medularmente o Evangelho. Mas já me estendi mais do que devera.

Estou seguro de que Frei Leonardo Boff é cristão sincero e que se deixou comover pelas terríveis injustiças de que são vítimas as classes trabalhadoras. Quis lutar por elas e com elas. Tudo bem. O que não posso compreender é que haja sentido necessidade de alterar a mensagem cristã, a ponto de se ver compelido a co-fabricar (perdão, é o termo) uma nova teologia, acomodada à perempta ideologia marxista, materialista, atéia e anticristã, teologia já condenada expressamente pelo Santo Padre (ao contrário do que apregoam os seus inconformados adeptos) enquanto busca temporalizar, historicizar a doutrina pregada por Cristo, quando, nas encíclicas, na doutrina social da Igreja, no Evangelho encontraria o fundamental para reivindicar a realização da justiça na face da Terra entre os homens de boa vontade.

[Carta aos leitores]
(s/d)

*

Villas-Bôas Corrêa está coberto de razão

Caro e ilustre jornalista Villas-Bôas Corrêa.

Estou-lhe enviando cópia da carta que remeti à prestigiosa Secção desse jornal, na certeza de que não será publicada como vem ocorrendo ultimamente, com a agravante de ter extensão maior do que as anteriores. Não queria, no